

Entrevistado: LUÍS CARLOS GUIMARÃES – em 13 de Dezembro de 2000¹.

1. *Imagens da infância*

Sou do Seridó, de Currais Novos². Meu pai era escrivão. Eu me lembro que naquele tempo para se conseguir um livro era necessário mandar buscar pelo reembolso postal. Meu pai mandou buscar José Lins do Rêgo e Érico Veríssimo, e ao lado desses dois escritores brasileiros, mandou buscar o Alexandre Dumas, inclusive *Os três Mosqueteiros* e um livro de Marx que dizem que não foi ele quem escreveu, que é *A Mão do Finado*. Daí então, comecei a ler, mas antes disso, uma das coisas que mais me impressionaram naquele tempo foi um ônibus que a gente chamava de **sopa** (talvez vocês não tenham conhecido): tinha um banco só, de um lado a outro, de madeira. Era como o misto, mas só que da frente até o final tinha um banco e, por mais incrível que pareça, eu não me lembro o nome; era do avô de Giovanne Sérgio, que talvez seja um dos maiores fotógrafos do Estado. A Sopa tinha o nome de **Rede Viação Seridoense**. Isso passa a idéia de que era uma empresa com vários ônibus, mas não era, era um só. Lembro-me de que na primeira segunda feira de cada mês esse ônibus ou Sopa chegava com as revistas em quadrinhos: *Globo Juvenil*, *Guri*, *Globinho*. Algumas dessas revistas, eu esqueço. Então, minhas primeiras leituras foram essas revistas em quadrinhos: *Capitão América*, *Batman*, *Tocha Humana*... Esses livros de meu pai, eu comecei a ler com onze anos, apenas. Um fato curioso, é que, quando eu tinha dez anos, eu tinha essa altura (mostra a altura) enquanto meu irmão só foi crescer depois dos 16 anos. Eu era um galalau como se diz! Eu conheci em Currais Novos o pai do Padre Alzônio: Alzônio Araújo e Alzônio Araújo Filho, vigário de Currais Novos, por sinal está bem doente, e o Padre Tésio. Quer dizer Alzonio Araújo Filho e Alzonio Araújo Tésio. Bem, os primeiros livros... ele comprava e o curioso é que ele era ateu, a mulher religiosíssima e os filhos, sem que houvesse, pelo que eu saiba, interferência dele, todos

¹ Entrevista concedida aos professores Humberto Hermenegildo de Araújo, Márcio de Lima Dantas e Vilma Vítor Cruz, como atividade do Projeto *Imagens de poetas potiguares* (PROEX/UFRN).

² LUÍS CARLOS GUIMARÃES (1934-2001) é autor dos livros de poesia: *O aprendiz e a canção* (1961), *As cores do dia* (1965), *Ponto de fuga* (1979), *O sal da palavra* (1983), *Pauta de passarinho* (1992), *A lua no espelho* (1993) e *O fruto maduro* (1996). Como tradutor, publicou *113 traições bem-intencionadas* (1997).

os dois são padres. Comecei a ler os livros da biblioteca dele, que era uma boa biblioteca, toda ela adquirida pelo reembolso postal. Foi lá que eu li o primeiro livro de Carlos Drummond de Andrade. Eu não entendia nada, mas aquilo me chamou a atenção, foi uma surpresa... Depois, sim, eu fui para Caicó. Então, uma coisa que talvez tenha sido o meu momento de solidão, uma solidão que quase chegava ao desespero. Quando o meu avô foi me deixar em Caicó, porque Caicó era o Ginásio Diocesano Seridoense, onde não só do Rio Grande do Norte, mas aqui mesmo de Natal iam pessoas estudar lá, vinham da Paraíba e tal... Quando eu cheguei para fazer o exame de admissão em Caicó deparei-me com aquela construção muito grande... não havia ninguém, somente uns dois ou três alunos. Meu avô deixou-me lá com dez anos e meio... quando eu me vi sozinho fui tomado assim de um tanto...eu nunca tinha saído de casa e com dez anos e meio deixaram-me num ambiente totalmente estranho. Essa foi uma das impressões que ainda hoje eu recordo.

Não há coisa mais bonita do que o Seridó... No inverno, é uma das coisas mais bonitas. Eu comparo com a primavera. Aquele verde que se levanta por onde você passa — a região das chuvas. Currais Novos é muito seco, mas quando chovia aquele verde tomava conta de toda a paisagem. Aquilo me impressionava muito, como também a seca, a secura do Seridó nos tempos de estiagem é impressionante no sentido de que é uma coisa quase aterradora. Fiquei estudando em Caicó durante dois anos (entre 46 e 47), e vim para Natal, estudar no colégio Marista, onde passei um tempo interno, depois passei um tempo na casa de um tio meu e daí fui pro Sete de Setembro. Em seguida, fui para o Atheneu, concluir o Clássico. Depois fui para João Pessoa fazer o vestibular. Fiz o meu curso de Direito lá, onde conheci Leda, que foi o grande amor da minha vida e continua sendo. Aquela foi uma época muito bonita, foi a descoberta da poesia...

Eu quase não tive infância. Meu irmão, por não ter crescido tanto, tinha uns amigos e eu, por ser grande demais tinha vergonha das brincadeiras naturais da minha idade. Isso, de certa uma forma, mexeu comigo. Particpei pouco daquelas brincadeiras que eram normais. Não fui muito de brincadeiras, mas às vezes saía com uma baladeira. Nunca matei nenhum canário, nenhum passarinho. Eu não tinha pontaria.

Quando tinha oito anos aconteceu a minha fase de descoberta do mar — na praia de Touros, distante de Currais Novos, passava os meses de dezembro e de janeiro. Lembro-me de várias pessoas de Currais Novos que iam continuamente para aquele veraneio: o meu pai, o pai de Cortez Pereira, o Doutor Rosemiro (que foi juiz)... Uma vez, o escritor e romancista Zé Bezerra Gomes, que tinha vindo de Minas Gerais, foi

para Touros com papai... inclusive eu tenho umas fotografias com ele. Em resumo, aquela foi uma fase de total alumbramento, de maravilhamento...

2. Trajetória intelectual

No Colégio Sete de Setembro, em Natal, editaram um jornalzinho. Eu publiquei, neste jornalzinho, um pequeno poema, uma das coisas mais terríveis de que eu ainda me lembro. Há alguns anos eu encontrei um exemplar... — **como é que eu escrevi uma coisa tão ruim?** Rasguei. Em João Pessoa, fui colega de Ronaldo, que foi governador. Também fui colega do Buriti e de dois outros que talvez sejam os maiores poetas da Paraíba: Vanildo Brito e Jomar Souto de Moraes. Lá, publiquei dois ou três poemas... foi aquele alumbramento e tal. Eles são da mesma idade que eu, mas têm uma formação, com relação à poesia, muito maior. Eles me ajudaram... Aqui, em 1949, conheci o Dorian Gray (que já pintava), um amigo que guardo desde aquele tempo. Sanderson, o Osley [...], quem é mais meu Deus? Eu acho terríveis essas horas porque sempre se omite alguém, não é? Omitir pessoas que deveriam ser citadas é um pecado de omissão, mas vocês vão me perdoar! Porque me lembrei de Doryan, Sanderson, Ney Leandro, Diógenes da Cunha Lima (que eu conheci mais ou menos nos anos 50).

Vivi em João Pessoa e vivi essa fase de namoro que foi uma fase muito bonita... uma cidade que para mim era estranha, mas o paraibano é um povo muito afetuoso, muito bom.

Um lado meio curioso é que o meu pai era político e eu fui vereador em Currais Novos por duas vezes, fato de que eu não guardo muita saudade. Fui o Vereador mais votado. Hoje, quando falo isso, é até notícia de prosa... Eu não tinha nenhuma vocação para político. Não é que não haja, não há nenhum choque, nenhum antagonismo entre poesia e política. Pelo contrário, há exemplos de poetas que exerceram a militância política, mas no meu caso não tinha vocação. Bem, eu tive que ir para Currais Novos e perdi dois anos por conta disso de política, aí casei e fui para Currais Novos e nesse meio tempo que eu ainda não estava formado eu fui adjunto de promotor, exerci o cargo de promotor em Serra Negra e Jardim do Piranhas. Nesse tempo eu já estava casado. Aí Leda engravidou e foi para João Pessoa, onde nasceu o meu primeiro filho. Depois eu fiz o concurso para Juiz. Eu fui Juiz de São Bento do Norte (que é uma praia muito bonita), e depois vim morar em Natal. Depois fui para Taipu, de onde fui removido para Parnamirim (que era o que todo Juiz queria, pois era muito perto da capital). De lá fui

para Caicó e entrei no Núcleo, fiz concurso e fui professor durante uns oito anos. Como eu disse certa vez, eu não tive vocação para ser juiz, mas fui nesse mundo cruel em que a gente vive hoje. Você tem às vezes que assumir certos ofícios que não estão no seu sangue... eu, por exemplo, não tive vocação para ser Juiz, mas fui e devo ter sido um juiz, não digo excelente, mas fui razoável; depois fui professor sem ter vocação para ser professor, e advoguei também sem ter vocação para ser advogado.

Aposentei-me por conta de uma safena, que foi uma das coisas que eu mais agradeço, porque me deu a oportunidade de fazer a primeira viagem à Europa.

Não me considero um escritor, sinceramente eu não me considero nem um bom poeta, mas está dando... como diz a expressão, “dá pro gasto”... a poesia para mim foi um apelo muito forte, e eu acho que para você ser poeta basta ser um bom leitor de poesia e ter uma sensibilidade para fazer um perfeito discernimento entre o que é uma boa poesia e o que não é.

3. Processo de criação

Depende de como o poeta encara a coisa. Eu acho que se pode viver intensamente a poesia, seja pela leitura, seja considerando-a como um ofício...

Os meus primeiros poemas foram criados no seguinte processo: aparecia um verso, e como uma automatização as coisas iam-se sucedendo... depois eu trabalhava o poema. Mas, chega um ponto em que é necessário perseguir o poema, a palavra. Às vezes um quadro lhe dá a idéia de que ele vale um poema. Às vezes um tema, um filme, uma música. Noutro dia eu encontrei um papel que deve ter mais de 20 anos e tinha mais de 200 palavras datilografadas, outras anotadas, e eu fui me lembrando...

Um exemplo: ontem eu fui ao médico e lendo aquelas revistas médicas, vi que no meio tinha um artigo sobre os pássaros da Amazônia. Tinha uma palavra... eu posso estar esquecido, mas se eu não me engano se chama *zunzunar*. Eu não conhecia essa expressão — o zunzunar dos pássaros! Às vezes uma palavra pode ser um apelo, um chamariz, uma peça para se construir e até cometer um poema...

4. Universo da criação literária no Rio Grande do Norte

Eu acho que aqui no Rio Grande do Norte, em cada esquina um jornal, um poeta... não sei se é meritório. Aqui tem poeta demais, como em Pernambuco. Eu me lembro quando

eu estudava em Recife e ia a livraria, “Livro Sete”, e via assim uns 60 poetas publicando... Bem, aqui tem muito poeta, mas uma fase muito positiva é a poesia das mulheres. Por exemplo, Auta de Souza: embora não tenha sido uma poeta de culminância, ela ficou. Como não havia na época alguém melhor do que ela, permaneceu. Outra poeta aqui dentro da temática dela é Palmira Wanderley. As duas que eu acho maiores são Zila e Myrian Coeli: essas duas são melhores em qualquer lugar do mundo. E hoje a gente tem Carmen, Marize, Iracema, Nivaldete... enfim nós temos um “naipe”. Essa palavra eu nunca tinha usado, mas vou usar: temos um naipe de poetas ou poetisas.

Sobre aquilo que eu disse, “tem poetas demais”, inclui também os mortos: os Wanderley... vamos falar os mais importantes... Jorge Fernandes, porque inclusive ele teve uma participação histórica assim de oportunidade. Quando ele surgiu houve aquela coisa da poesia moderna, embora antes ele tenha feito poesia neo-parnasiana — eu não sei bem qual é a escola, mas como moderno ele tem um papel importantíssimo. O outro poeta é Othoniel de Menezes. Ele foi um poeta parnasiano, ou melhor, ele foi um egresso dessas escolas todas, mas ele tem um livro que abraçou, assim, o que se convencionou chamar de modernismo: *A canção da Montanha*, com verso livre, verso largo com tonalidade... Ele é um bom poeta: foi tanto bom poeta como sonetista.

Sobre os de hoje... eu tenho medo é da omissão, falar nos que estão vivos hoje, pois são muitos. Vou dizer aqui: Ney, Sanderson, Doryan, Deífilo Gurgel, Eli Celso... É aquela coisa, tem mais, mas não me recordo agora, então aos que eu não citei peço desculpas.

5. Sobre a crítica

Você às vezes escreve um poema e propositalmente você não pensa que aquele seu verso, aquele seu poema pretenda isso ou aquilo, tenha esse ou aquele objetivo. Então chega um crítico e faz uma interpretação que às vezes até assusta a gente... aí procura o social, um monte de costumes, um poema que buscava um estado de alma, sei lá, como se dizia antigamente. Eu acho que a gente escreve por escrever: você não associa no momento em que você está... a não ser que... vou citar aqui apenas um exemplo: *O romanceiro da Inconfidência*, de Cecília Meirelles. Naturalmente, ela queria falar sobre a Inconfidência, é evidente isso, mas é qualquer coisa de universal, de maravilhoso, de belo... O poeta escreve em primeiro lugar, mas depois o poema se liberta... porque a

gente partilha. Mas eu não estou naquela de que a gente escreveu e passa a ser de quem vai ler, afinal de contas o autor é autor.

Às vezes a crítica toma umas direções, toma uns caminhos que meu deus do céu!

6. Leituras e autores preferidos

Eu tenho uma admiração por dois poetas: o Afonso de Guimarães e o Cruz e Sousa — eu acho esses caras geniais, ainda hoje são...

Eu ainda hoje tenho um poema do qual ainda gosto muito: é um romanceiro à maneira de Garcia Lorca... e Lorca é realmente um dos poetas no mundo que tem um vocabulário próprio. Eu anotei umas cem palavras que eu considerei vocabulário Lorquiano.

Houve uma época que era compulsiva a minha mania por cinema, então eu li não sei aonde, que *No tempo das diligências* que é o filme mais famoso de Jonh Ford foi inspirado em *Bola de Sebo*. De fato, em *No tempo das diligências* há uma carruagem que leva uns fugitivos de uma cidade que estava ameaçada por um bandido que vai matar uma prostituta e, no final, é essa prostituta quem salva todo o mundo — e no “Bola de Sebo” o final é essa mesma situação.

Embora sendo um leitor compulsivo de poesias, agora mesmo eu li um livro de contos, assim, numa sentada. Esse livro é de Ronaldo Brito, que além de ser contista é também ator. Esse livro eu achei uma revelação, inclusive ele tem uma preferência por personagens femininas, mulheres do Nordeste, do Ceará, onde ele viveu a infância e a adolescência, e onde deve ter ouvido muitas histórias... são trágicas essas mulheres.

Ney Leandro é um bom contista. Agora, dos contistas do passado, os clássicos.... Eu me lembro de livros extraordinários que eu li e um deles eu já li umas quatro vezes: *Judas o Obscuro*. Eu listaria, digamos, trinta grandes romances, inclusive de Machado de Assis, José Lins do Rêgo, Autran Dourado, Cornélio Pena, Antonio Torres, João Ubaldo... e os portugueses, Eça de Queiroz, Saramago... mas tem autores que a gente esquece.

8. O leitor

Eu acho que é evidente que o poeta ou o ficcionista busque leitores, mas em primeiro lugar o maior leitor deve ser ele mesmo, que é não só testemunha, mas juiz de sua

própria obra. Eu não chego ao ponto de entender que um livro, um poema, não me pertença depois de escrito, e sim ao leitor. Mas não deixa de ser uma forma de partilhar com o leitor, inclusive aquela compreensão que você não tem sobre um poema ou sobre um conto, um romance, uma novela, uma peça de teatro, e que o leitor tem...

E às vezes o próprio poeta é o pior leitor. Normalmente, ele deveria ser o melhor leitor e a melhor testemunha do que fez, mas às vezes é o pior porque ele não vai entender que fez um poema ou uma obra que mereça reparo, não é? Aquela vaidade que está inserida... eu quis dizer isso, mas às vezes ele é pior testemunha e pior crítico do que...

9. Uma marca da existência

Eu nunca estive tão bem como agora nos meus 66 anos. Eu estou me achando bem da cabeça e tal; agora o cansaço é uma condição da própria vida. Eu não me acho sequer velho, de maneira nenhuma. Eu acho que se eu tenho alguma coisa de inteligência eu estou mais inteligente do que ontem, se é que eu sou não sei, mas o tempo é a base de tudo, não é?

Eu acho que há uma idade em que você se sente imortal, mas eu estou numa idade em que me sinto plenamente mortal: já passo a encarar a morte como uma... uma certeza... não sei como vou recebê-la, mas se eu tiver muito domínio sobre mim eu vou... vou ler um poema que eu tenho, eu acho que está aqui, não sei nem se eu pensava isso sobre a morte... É “Vôo”. Esse poema tem uns 30 anos e eu acho que naquele tempo embora eu não pensasse isso eu tinha todas as condições para pensar isso que eu penso hoje. Aliás, esse poema nasceu numa viagem que eu fiz daqui para o Rio, de avião — uma das primeiras viagens que eu fiz de avião, então me passou, eu senti esse clima... está no poema e não deixa de ser um ato de enfrentamento, de desafio e até de coragem:

VÔO

*— No alado esquite da aeronave
serei um morto de janeiro?
Eu me pergunto enquanto a ave
de metal atravessa o nevoeiro.*

*Nas cumeeiras do céu desconfio
do pássaro cego guiado pela mão
do homem. Mas de tenso coração
e dentes mordidos reajo: sorrio.*

*Há que reagir/sorrir e confiar/fiar,
mais agora que no corredor pressurizado
surge o anjo/aeromoça no chão de ar,
onde seu pão de cada dia é conquistado.*

*Mas se tiver de ser, que seja de repente
(veja a morte na altura vestida de azul),
que nesta poltrona de espuma de nylon
não serei covarde e a olharei de frente.*

*Melhor que ter os olhos cortados por alguém
que deve ser o meu irmão talvez sem nome,
afiando sua navalha no gume da fome,
brilhando na noite o dia de sua lâmina, amém.*

*Ou ser esmagado pela pontaria certa
do projétil de quatro rodas na pista,
de pneus de tala larga e volante esportiva,
deflagrado pelo louco menino motorista.*

*Antes estar suspenso na atmosfera,
envolto na fuselagem desta esfinge
decifrada, pássaro blindado, fera
domesticada a rugir pela laringe.*

*Mas se sou da terra a ela vou retornar
e caminhar entre os homens na multidão,
e com grandes unhas sujas de sangue ganhar
o pão e cavar como bicho meu último chão.*

Eu tenho inclusive uma carta de Ledo Ivo na qual ele faz uma referência a esse poema. A propósito do tema, eu acho que estar de frente à morte é estar de frente a uma emboscada, porque eu não acredito em morte tranqüila nem em morte calma, a não ser que você morra durante o sono. Mas, quem é que vai dizer se você morreu durante o sono sem reação, sem sofrimento?

Eu tenho ressentimentos de deixar o mundo. Porque não? Tenho sim, eu queria viver sei lá... a única coisa, a imperfeição do homem é viver pouco, envelhecer. E o pior, é que uma das coisas mais bonitas que eu acho é quando você envelhece com a cabeça limpa, livre, alegre, entende? É quando você tem aquela que o francês chama “joie ou vivre”. Então eu sinto uma pessoa aqui, aí se eu envelhecesse como ele, quer dizer, ele é jovem, ele está na sua mais nova juventude: chama-se Alvarado Furtado de Mendonça. Ele é um tipo atlético ainda, foi remador, foi nadador. É um homem inteligente, charmoso, e está com 84 anos. Ele tem uma excelente aparência e conversa com tal força, com tal

entusiasmo, tudo o que ele diz é com convicção. Tem umas histórias geradas por ele que eu não vejo como mentira... Ele diz: A rua... ele é um ator, acima de tudo ele é um ator, ele dando uma aula dizia “a rua era tão estreita que eu coloquei uma mão e a outra...” quer dizer, isso ele dizia com um vozeirão rapaz! Havia... ele contava que saiu do teatro e deu uma chavinha: “Foi um dilúvio!” Quer dizer, essa figura ainda está sabe fisicamente jovem. Aí é que eu digo: a velhice, essa velhice é uma juventude adiada.

Encaro a morte do outro como algo realmente doloroso. Eu tive um pai que foi uma figura extraordinária, tinha um juiz amigo dele que dizia: “Neto Guimarães é uma mistura de Dom Quixote, Sancho Pança e Dartanhan”. No dia em que ele morreu eu estava em Madri. Quando eu soube da notícia, fui tomado de um pranto compulsivo, mas só fui sentir isso anos depois.

A gente sente a morte e não é preciso que a pessoa seja muito chegada à gente: você sente a morte de uma boa pessoa, até de um estranho você sente, às vezes até a estupidez de um acidente te machuca, não é? Você às vezes nem tem ligação com a pessoa e sabe que essa pessoa morreu de forma estúpida e você fica abalado. Então a morte, quem não vai sentir? Quem vai sentir menos a morte somos nós quando morremos, mas nós quando estamos vivos sentimos a morte dos outros.

10. Imagens aleatórias

Moldura: evoca o mar, eu vejo o mar na moldura da janela.

Régua: A régua me sugere um poema de João Cabral de Melo Neto.